

>
Black Watch,
 enc. John Tiffany,
 Teatro Nacional da
 Escócia, Edimburgo, 2006
 (Emun Elliot
 e Paul Higgins),
 fot. Manuel Harlan.



O Teatro Nacional da Escócia vai à guerra

Mark Brown

O novo Teatro Nacional da Escócia (TNE), que lançou o seu programa inaugural em Fevereiro deste ano, alcançou já uma reputação de dinamismo, energia e audácia. Nos seus primeiros sete meses, a companhia – que não dispõe de nenhum edifício próprio, apostando antes em circuitos de digressões, acolhimento de espectáculos e em co-produções com uma grande variedade de outras companhias – produziu um total de 22 espectáculos diferentes, desde peças nos grandes palcos de cidades importantes até trabalhos desenvolvidos em estúdio apresentados em cidades mais pequenas, nas zonas rurais e nas ilhas.

Os resultados desta actividade tão intensa têm sido recebidos criticamente, como seria inevitável, de modo muito diverso, embora de forma genericamente entusiástica. *Roam*, uma co-produção inteligente e poderosamente envolvente com a companhia Grid Iron, de Edimburgo, especializada em "espectáculos percursos" – *promenade performance* –, recebeu um conjunto de prémios na edição de 2005-2006 dos Prémios da Crítica para o Teatro na Escócia. Representada no interior, e por detrás, das barreiras de segurança do Aeroporto Internacional de Edimburgo, o espectáculo debruçava-se sobre questões de instabilidade global (desde a guerra até ao tratamento reservado por alguns governos aos refugiados), com humor, sentimento e uma visão penetrante.

Realism, do dramaturgo e encenador Anthony Neilson, que constituiu a primeira contribuição do TNE para o prestigioso programa do Festival Internacional de Edimburgo, motivou uma reacção crítica mais variada. Baseado na experiência escatológica e cheia de expletivos de um dia na vida de um homem de meia-idade, sem rumo, que decide passar o seu tempo em casa em cuecas, o espectáculo foi descrito de forma muito positiva por Benedict Nighingale, o crítico de teatro do *The Times*, como "irreverente, disparatado, de mau gosto, por vezes exibicionista e, frequentemente, hilariante". Joyce McMillan, do *The Scotsman*, mostrou-se menos entusiástica, destacando a "paisagem psicológica inacreditavelmente banal" e interrogando-se: "Será que o tema da crise de meia-idade de um determinado grupo demográfico de homens britânicos justifica a profundidade da obsessão escatológica e do infantilismo erótico que este espectáculo por vezes atinge, ou o modo como desperdiça o precioso capital de risco do Festival Internacional de Edimburgo e do TNE em algumas piadas visuais de muito fraco efeito?" Na minha própria crítica ao espectáculo, para o *Sunday Herald*, atrevi-me a ir ainda mais longe, descrevendo a peça como "um exemplo horrível de tolice deliberadamente pós-moderna... que ostenta a sua ironia tão contemporânea como um letreiro luminoso sob o efeito de drogas".

A indiscutível história de sucesso desta primeira temporada do TNE foi, contudo, *Black Watch*. A peça é um exemplo de teatro *verbatim*, tendo sido escrita a partir de entrevistas conduzidas pelo dramaturgo Gregory Burke com anteriores membros do famoso regimento escocês do Exército Britânico, os Black Watch, com serviço prestado no actual conflito no Iraque. Embora ostensivamente concentrada na invasão e ocupação do Iraque, a peça também se debruçava sobre a longa história dos Black Watch, um regimento que, para fúria de muitos dos seus antigos e actuais membros, está neste momento a ser incorporado num regimento mais alargado por decisão do governo britânico.

Dirigido pelo encenador associado do TNE, John Tiffany, o espectáculo foi unanimemente recebido de forma muito positiva pela crítica. E foi, sem dúvida, a grande atracção desta última edição da secção *Fringe* do Festival de Edimburgo – que continua a ser o maior festival artístico do mundo –, com lotações esgotadas durante todos os dias, acompanhado de críticas entusiásticas ao trabalho desenvolvido.

Apresentada no agora desactivado salão de treinos da Universidade de Edimburgo, a peça abria com um *pastiche* humorístico do Tatu Militar de Edimburgo – o popular acontecimento que, todos os Verões, exhibe música militar, proezas físicas e de armaria no terreno do Castelo da cidade –, antes de avançar para um relato profundamente dramatizado das histórias contadas pelos jovens entrevistados por Burke. A dada altura, uma mesa de bilhar utilizada pelos agora civis, mas antes soldados, é cortada ao meio, revelando dois membros dos Black Watch completamente fardados, avançando, de forma hesitante, através de uma rua iraquiana. Num outro momento, três soldados ensanguentados e mortalmente feridos surgem suspensos no ar por arames, ao mesmo tempo que Tiffany cria uma visão espectacular e perturbadora das consequências de um ataque suicida.

Na Grã-Bretanha, a ideia do teatro *verbatim* vem sendo associada à utilização relativamente directa de declarações recolhidas nos meios de comunicação social ou nos tribunais ou, ainda, através de entrevistas realizadas por investigadores. O texto de David Hare, *The Permanent Way*, sobre o processo de privatização dos caminhos de ferro britânicos – uma experiência que, na minha opinião, não merecia o aplauso que recebeu em alguns quadrantes – é muitas vezes apresentada como exemplo e modelo deste género teatral. *Black Watch* conseguiu, pelo menos no contexto do teatro britânico, alterar o entendimento que se pode ter deste género dramático. Inserindo as palavras recolhidas numa versão dramaticamente ficcionada da situação de entrevista e, simultaneamente, criando cenas mais "teatralmente" tradicionais – completadas por diálogos imaginados e por um movimento naturalista, mas profundamente coreografado –, a peça contribuiu enormemente para melhorar a reputação de um género que muitos consideravam rígido e inflexível.

Na sua crítica para o *Independent on Sunday*, Kate Bassett escreveu: "Aquilo que é inesperadamente dramático é que Burke incorpora a situação da entrevista e as suas tensões ebulientes na própria peça". O crítico do *Financial Times*, Ian Shuttleworth, elogiou a capacidade do dramaturgo em "identificar diferentes tipos de relações masculinas, tais como a camaradagem, o espírito de comunidade e a rivalidade". McMillan, no *The Scotsman*, sugeriu: "O texto de Burke não representa a última palavra sobre a história do mais famoso regimento militar da Escócia. Mas representa um extraordinário passo em frente na nossa compreensão e reconhecimento de uma parte vital da nossa história nacional e, potencialmente, da relação entre o teatro escocês e um público popular o mais vasto possível, tanto a nível doméstico como para além das nossas fronteiras".

Não obstante esta opinião crítica esmagadoramente positiva, surgiram dois comentários importantes e, de algum modo, divergentes ao espectáculo, um deles de ordem mais estética, outro de ordem política. Na minha própria recensão para o *Sunday Herald*, em que se exprimia a opinião de que *Black Watch* "se coloca claramente acima de outras experiências de teatro *verbatim*", acrescentava-se, contudo, um lamento sobre as sequências de movimento não naturalistas. Referindo, em particular, uma cena em que uma luta breve entre dois soldados é executada ao som da música de Max Richter, tornando-se quase um número coreográfico, escrevi: "Tiffany, o encenador, e Steven Hoggett, o responsável pelo movimento, conseguiram criar alguns momentos coreográficos verdadeiramente risíveis". Shuttleworth fez uma observação semelhante no *Financial Times*: "Teria preferido que Tiffany controlasse mais o seu gosto por sequências de movimento interpretativas". Mas nem todos os críticos se mostraram tão irritados pelas opções coreográficas: McMillan, por exemplo, falou das "espantosas e, por vezes, verdadeiramente comovedoras sequências de movimento dirigidas por Steven Hoggett".

Dada a natureza muito polémica do tema escolhido, é, talvez, surpreendente a reduzida polémica política gerada pela peça. O espectáculo mostra-se, em termos gerais, crítico da guerra do Iraque. Oficiais britânicos completamente ficcionais falam de forma depreciativa do conflito. Os antigos soldados surgem nitidamente retratados como aterrados pela sua participação nas manobras de ocupação. Existe uma tão alargada oposição à guerra do Iraque na sociedade britânica que esta abordagem dificilmente se poderia mostrar controversa. Contudo, a questão da representação da história do regimento dos Black Watch sugerida pelo espectáculo originou menos debate do que seria legítimo esperar. Talvez isso se tenha devido ao nervosismo compreensível dos críticos em permitirem que o seu juízo estético surgisse assombrado pelas suas opiniões políticas.

Enquanto crítico com simpatias políticas (de esquerda) muito claras, sempre defendi que, na crítica de teatro, a

>

Black Watch,
enc. John Tiffany,
Teatro Nacional da Escócia,
Edimburgo, 2006
(Ryan Fletcher
e Emun Elliott),
fot. Manuel Harlan.

estética deve vir antes da política. Pondo as coisas de outro modo, prefiro ver um bom espectáculo conservador do que um mau espectáculo de esquerda. Prefiro a sofisticação artística ao *agit-prop* unidimensional. Concordo com o grande dramaturgo inglês Howard Barker quando ele sugere que "não é um insulto oferecer ambiguidade ao público". Por outras palavras, não vou ao teatro para ver os meus preconceitos políticos confirmados; para isso, tenho amigos a quem posso telefonar! Dito isto, devo acrescentar que quando um elemento político emerge num espectáculo, acredito ser importante que os críticos o identifiquem e o analisem. Acredito ainda que os críticos não devem esconder as suas próprias convicções políticas, escudando-se no mito da "objectividade" jornalística. Desde que o juízo crítico se revele predominantemente estético, é inteiramente aceitável que o crítico manifeste a sua visão política naquilo que escreve.

Tentei aplicar esta perspectiva na minha recensão crítica de *Black Watch*, que descrevi então como uma "sofisticada peça de direita". Devido às particulares restrições de espaço quando se escreve sobre o Festival de Edimburgo, que nos obriga a textos mais curtos para que seja possível falar do maior número possível de espectáculos, não tive a oportunidade de desenvolver esta provocação, limitando-me a acrescentar: "é anti-guerra, mas não é seguramente anti-militarista. Por repetidas vezes, exhibe a sua simpatia para com a visão, expressa por um dos oficiais da peça, de que 300 anos de uma orgulhosa história militar poderiam ser destruídos pela aventura do governo de Blair no Iraque". E não fui o único crítico a observar que a peça tinha muito para dizer sobre a guerra no Iraque, mas acrescentava pouco sobre a história colonial dos Black Watch, que inclui diversos episódios sangrentos, do Sudão à Índia, passando pela Palestina e pela Irlanda. McMillan também acrescentou: "a peça parece ter pouco a dizer sobre o sofrimento infligido pelos Black Watch ou sobre o traço sombrio de selvajaria colonial na história do regimento".

Numa discussão após o espectáculo organizada pelo TNE numa das últimas representações no âmbito do Festival de Edimburgo, surgiu, finalmente, um foco de contradição entre as críticas dirigidas pela peça às decisões do governo de Blair relativamente à guerra no Iraque e a sua abordagem aparentemente acrítica tanto dos Black Watch como da história colonial do regimento. O painel de discussão era constituído pelo encenador Tiffany, o deputado e líder do Partido Democrata Liberal Menzies Campbell, a activista anti-guerra Rose Gentle – cujo filho, Gordon, foi um dos soldados britânicos mortos no Iraque, com a idade de 19 anos –, um antigo oficial dos Black Watch, Julian McElhinney, e eu próprio. Tanto McElhinney como um



representante da campanha para impedir a incorporação dos Black Watch num outro regimento britânico, que falou da plateia, deixaram claro que consideravam a peça como elogiosa da orgulhosa história do regimento. Na verdade, diversos activistas em defesa da sobrevivência do regimento têm tentado arrolar o apoio do TNE à sua campanha, facto que, para alguns, poderia funcionar como prova de que a peça se presta facilmente a esse tipo de interpretação. Falando também a partir da plateia, a directora artística do TNE, Vicky Featherstone, sentiu-se compelida a acrescentar um comentário curiosamente elaborado, no qual expressava o seu "orgulho" no espectáculo, mas também as suas "reticências" relativamente àqueles que a interpretaram como "pró-regimento", o que, segundo ela, "nunca se pretendeu que ela fosse". Foi levantada uma outra questão por um membro do público sobre o facto de a peça insistir unicamente no sofrimento dos próprios soldados britânicos e não no do povo iraquiano. Tiffany esclareceu que para ter feito essa abordagem isso teria implicado fazer de *Black Watch* "um espectáculo diferente", uma posição que parece largamente disseminada entre o público e os críticos.

A principal questão que permanece relativamente ao espectáculo é a de saber se o dramaturgo Gregory Burke, autor da comédia política internacionalmente aclamada *Gagarin Way*, a escreveu tal como ela foi representada, ou se as críticas ao passado colonial dos Black Watch foram retiradas durante a criação do espectáculo. No momento em que o TNE se prepara para levar o espectáculo até Londres e, possivelmente, para organizar uma digressão internacional, esta é uma questão que pode muito bem vir a ser novamente levantada.